

PREÂMBULO LEGIÕES DE PRECONCEITOS

Segundo a história, Galileu Galilei (1564-1642), notável sábio e astrônomo italiano, foi obrigado a abjurar suas teses heliocêntricas, porquanto contrariavam o obtuso pensamento da Igreja de então, que afirmava ser a Terra o centro do Universo. O julgamento final do cientista se deu dia 22 de Junho de 1633, diante do Tribunal da Inquisição ou Santo Ofício. Narra a tradição que Galileu, ironicamente, em voz baixa, ao final do julgamento, afirmara: ...E pur si muove (Mas ela - a Terra - se move).

Queiram ou não os antiquados e dominadores de plantão, tudo se move, nada é estático. Movem-se os astros, os átomos, os continentes, as sociedades, sejam de forma natural, gradual ou através de cataclismos e revoluções. Os grupos dominantes - econômicos, religiosos, políticos e afins - geralmente reagem a qualquer movimentação que lhes ameace os interesses. No Brasil, as elites mantiveram a escravidão até o ocaso do séc. XIX, uma vergonha inominável, pois fomos a última nação do Ocidente a abolir o cativo nefando.⁽¹⁾

Percebe-se que mudanças recentes - ascensão e inclusão de classes sociais historicamente marginalizadas ou estigmatizadas, o acesso universalizado a direitos básicos como saúde, educação, ao crédito, ao emprego público, através do sistema de quotas, - trazem desconforto a muitos. Afloram a intolerância, a tentativa de manutenção da segregação por parte de grupos sociais dominantes que, há séculos, pensam, agem em função de privilégios. Temos no País a cultura do elitismo, da hierarquização social, herança colonial e mesmo medieval, onde castas dominam o poder e a riqueza, por gerações.

O obscurantismo, o reducionismo exibem suas garras - discriminações, intolerância, totalitarismo, reações ante o acesso de jovens pobres à escola, em especial a universidade, contra pessoas com perfis sexuais ou comportamentais diferenciados, contra segmentos religiosos distintos e legítimos (templos e fiéis de doutrinas afroameríndias que são persegui-

AO PÉ DA FOGUEIRA O REMÉDIO ADEQUADO

São Lalá, antigo morador da Cruz das Almas, periodicamente deslocava-se até São Tiago. Para ele, acostumado à rotina da roça, uma viagem habitual, resignada no lombo da mula preta. No arraial, o de sempre: pequenas compras para uso no dia a dia do sítio. Querose para as lamparinas, sal, uma enxada na forjaria do Carmindo e ainda, uma de todo especial - remédios para sua santa mãe, já idosa e que morava na fazenda, aos seus cuidados. Aviados, como de hábito, na farmácia do Dr. Henrique Pereira, a única do lugar, que, aliás, naqueles tempos, nem médico formado tinha.

Alegre, extrovertido, vinha São Lalá estrada afora, com seu terno de brim cáqui, o inconfundível chapéu e o cigarro de palha à boca, a soltar grossas baforadas. Amigo do cigarro e da fumaça, não dava o braço a torcer - é prá espantar as muriçocas, justificava-se.

Aproximava-se mais um dia para ir à cidade. O remédio da mãe no fim, a senhora lembrando-o, apoquentando-o a todo tempo. Eis que São Lalá teve um soveterio, um contratempo. Compromissos inadiáveis em sua propriedade. Recorre a um tio, pessoa simplória, de pouca conversa, pouco afeito à vida e aos hábitos "do comércio", que fosse até o arraial em seu lugar.

Cavalgando a mula velha de guerra, relho na mão, na verdade um sovêu de couro cru, tão logo chega à cidade, dirige-se à farmácia, amarrando a alimária no tronco da magnólia, ali defronte. Entrega a lista de remédios ao Dr. Henrique Pereira.

O farmacêutico providencia os medicamentos, sem antes comentar, de

dos ou discriminados) ou ainda contra movimentos de ordem étnica. Há, lamentavelmente, em pleno século XXI quem queira impor suas crenças, ideias, valores, até "revelações" divinas a qualquer título, pela truculência verbal ou mesmo física.

Somos ainda reféns da intolerância e da omissão. Uma sociedade que se acostumou com o individualismo, o egoísmo acumulativo de alguns privilegiados em detrimento do coletivo, sacrificando-se a ética em prol de interesses exclusivistas. Quedamo-nos inertes, embaçados ante a suntuosidade, o arbítrio do poder e de grupos que, historicamente, acumularam capital e benesses, alguns até mesmo à margem da lei. Eis abandonado o discurso da ética, da cidadania e o ocupamos, nos acomodamos pela ausência de debates, de ideias, de discurso e reflexões dos temas mais caros à essência humana, como a liberdade, a dignidade, a idoneidade. Olvidamos que o fracasso, o perder são condições inerentes ao ser humano e permitimos que o raciocínio, a lógica, a persuasão sadia fossem relegados a plano secundário.

Embora a aparente inércia, novas formas de pensar, ver, agir evoluem. A mobilidade social requer constantes estruturas, porquanto novos segmentos, atores e cenários surgem: aumento de poder aquisitivo da população, acesso à cultura, à educação, à arte; à globalização e meios de comunicação que rompem as separações geográficas, forçando-nos a conviver, a aceitar o diferente, o distante. Assim, injustiças e desigualdades vão sendo corrigidas e novos valores de respeito mútuo e de convivência harmoniosa se implantam.

(1)O Brasil, ao contrário da Europa, não passou pelo processo histórico do Renascimento. A visão trazida por colonizadores portugueses para a América era nitidamente medieval com a segregação entre o "senhor" e o "servo" e a permanência, ou talvez ainda pior, a ampliação de guetos econômicos predatórios entre donos e escravos, e entre a monocultura extrativista e aniquilação do meio ambiente.

forma enérgica, severa, testa franzida:

- Já disse ao seu sobrinho Lalá, por várias vezes, que o remédio que a mãe dele mais precisa é repouso!

Desatento ou assustado com o comentário do farmacêutico, por ele entendido como censura, o portador retruca:

- Eu não tenho nada com essa história e essa sua zanga, aí, não... Tô apenas cumprindo o pedido de meu sobrinho. Mas embrulha também esse tal de "repouso" que eu levo...



ADIVINHAS

- 1- Para os antigos, inseto
Que com a noite aparece
Para a juventude problema
Que lá no fundo aborrece.
- 2- Passeia na praça
Não é estudante
Canta na missa
Sem ser sacristão
Sabe da hora
Mas da morte não

Respostas: 1 - Grilo; 2 - Galo

Provérbios e Adágios

- É nos detalhes que o diabo se esconde
- O macaco não olha o próprio rabo
- Muito fogo, pouca cinza (pouca brasa)
- Cachorro enxotado vai ganir no mato

Para refletir:

- Aquele que não vê diferença entre um torrão de terra, uma pedra e uma barra de ouro é considerado uma alma realizada em deus (Bhagavad gita)
- Nada te perturbe; nada te amedronte. Tudo passa. A paciência tudo alcança. Quem a Deus tem, nada lhe falta. Só Deus basta (Santa Tereza de ávila)
- Salva-te, se queres conservar tua vida. Não olhe para trás e não te detenhas em parte alguma da planície (Genesis 19,17)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Matéria 'A QUEDA DA MULA O MENINO PRESIDENTE E O TROPEIRO' Retificação de fotos / Novos dados

Na matéria "A queda da mula – o menino presidente e o tropeiro" publicada em nosso boletim nº LXXXIX, Fevereiro/2015, houve incorreções no tocante a fotos ali estampadas. As fotos apresentadas como do casal José Jacinto Rodrigues Lara e de sua esposa D^a Maria Luiza de Campos Lara são, na verdade, do casal José Jacinto Vivas (Juca Vivas) e D^a Maria Luiza Lara. Nosso equívoco foi involuntário, pois baseamo-nos em informações/fotos de um site familiar.

Por gentileza e esclarecimentos de nosso culto conterrâneo, pleno conhecedor da história local, sr. Antonio Fernando Lara Coelho, a quem muito agradecemos, estampamos abaixo corretamente as fotos de ambos os casais acima mencionados, patriarcas e matriarcas de ilustres famílias de nossa região e cujos componentes/descendentes honram com seu labor e cultura em prol da sociedade e da Pátria, as tradições e valores herdados dos antepassados.

2. Segundo informações colhidas, o casal Sargento Mór José Jacinto Rodrigues Lara (filho) e D. Maria Luiza de Campos Lara tiveram mais filhos (além dos seis mencionados na matéria citada). Também, por lapso, deixamos de incluir um dos filhos de nome Deverley Lara, de apelido "Lelê" e ainda "Darvelé" (ver matéria intitulada "Um caso dos tempos do cativoiro" publicada em nosso boletim nº LXXII, Setembro/2013).



Sr. José Jacinto Vivas (Juca Vivas) e Sr.ª Maria Luiza Lara



Sr. José Jacinto Rodrigues Lara e Sr.ª Maria Luiza de Campos Lara

Brincando com o português CURIOSIDADES.

VERBA VOLANT - SCRIPTA MANENT"
"AS PALAVRAS VOAM A ESCRITA PERMANECE"

VOCÊ SABE O QUE É UM PALÍNDROMO?

Um palíndromo é uma palavra ou um número que se lê da mesma maneira nos dois sentidos, normalmente, da esquerda para a direita e ao contrário.

Exemplos: OVO, OSSO, RADAR. O mesmo se aplica às frases, embora a coincidência seja tanto mais difícil de conseguir quanto maior a frase; é o caso do conhecido:

SOCORRAM-ME, SUBI NO ONIBUS EM MARROCOS.

Diante do interesse pelo assunto (confesse, já leu a frase ao contrário), tomei a liberdade de seleccionar alguns dos melhores palíndromos da língua de Camões...

ANOTARAM A DATA DA MARATONA

ASSIM A AIA IA A MISSA

A DIVA EM ARGEL ALEGRA-ME A VIDA

A MALA NADA NA LAMA

A TORRE DA DERROTA

LUZA ROCELINA, A NAMORADA DO MANUEL, LEU NA MODA DA ROMANA: ANIL É COR AZUL

O CÉU SUECO

O GALO AMA O LAGO

O LOBO AMA O BOLO

O ROMANO ACATA AMORES A DAMAS AMADAS E ROMA ATACA O NAMORO

RIR, O BREVE VERBO RIR

A CARA RAJADA DA JARARACA

SAIRAM O TIO E OITO MARIAS

ZÉ DE LIMA RUA LAURA MIL E DEZ

Prof. Pasquale Neto

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



PEDIDO DE CASAMENTO

Fazenda Boa Vista. Domingo ensolarado, típico da primavera, a qual naqueles dias, mostrava-se surpreendentemente aprazível, prazenteira, florida. Meio dia marcava o relógio na parede da ampla sala. Preparava-se a família, sr. José e esposa, filhos todos jovens, em exuberante mocidade, para o tradicional repasto de domingo – o almoço sempre especial, família reunida ao redor da vasta mesa da varanda, pratos apetitosos, atraentes, tempero inigualável da dona da casa, coadjuvada pelas filhas.

Atividades do dia todas executadas no período da manhã. Rebanho leiteiro já ordenhado e liberado para as pastagens, que, naqueles tempos, década de 1950, só se tirava leite uma vez ao dia. Demais animais – suínos, galináceos, cães – igualmente tratados. Todos os familiares de banho tomado, devidamente trajados, aguardando-se o almoço e depois a sesta e lazeres da tarde – um namorado de uma das moças que era esperado, passeios a pé ou cavalgadas pelas adjacências, colher frutas ao pé no vistoso pomar, jogos de carteados ou simplesmente jogar conversa fora entre si ou com vizinhos e amigos das redondezas, que costumeiramente, dominicalmente, passavam por ali.

Eis que a rotina da fazenda é subitamente alterada. Pessoal à mesa, iniciando-se a refeição com uma solene oração de agradecimento a Deus pelo pão ali produzido e pelas promessas sempre de boas colheitas, mes-se farta. Pratos fumegantes apeteendo, seduzindo narinas, bocas e estômagos. Do garfo à boca, seria questão de segundos. Eis que...

Nesse ínterim, vindos do curral, estridente bater de porteiros, o alvorçado latido de cães, ecoar ritmado de cascos, o relinchar agudo de animal. Até patos e gansos em ásperos grasnados. Sinal de visita e das mais barulhentas.

O sr. José levanta-se, assoma à janela, certificando-se do que estava se passando. Admira-se do que presencia, lado de fora. Converte melhor a vista. Depara-se com um cavaleiro, elegantemente ataviado, impecável – ainda que com certo exagero ou janotice. Traje rocamboloso, para os padrões locais: terno de casimira escura, tipo jaquetão com trespases, lençinho rendado, proeminente e com diagrama no bolso do paletó, lenço à gaúcha no pescoço, chapéu estancieiro de feltro e de abas curtas com barbicacho estreito, estrategicamente ajustado logo abaixo do lábio inferior, botas sanfonadas, lustradas, de cano médio, vistoso relho, finamente trabalhado à mão. Cavalo luzidio, marchador, sangue campeiro, todo tratado, embelezado da crina à cauda. Arreata primorosa, ajazeada com peitoral, cinta, cilha, guiseiras, tornel, freio de cabeçada, colchonilho, rabicho em coque.

Passado o primeiro instante de dúvida e quicá de estupefação, o sr. José identifica bem o garboso cavaleiro. Tratava-se do jovem A.B., filho de conhecidos, abonados – também folclóricos – fazendeiros da região. Conhecia-o apenas de estampa, mais por ouvir falar, sendo que o moço recém chegado, de seu conhecimento, jamais estivera ou lhe frequentara a fazenda. Era solteiro, trabalhador, mas, segundo informações ou infamações, pessoa maçante, jactanciosa, exibicionista, “azoratado”, adjetivavam-no alguns. Na qualidade de anfitrião, desce até a soleira da porta de entrada, a fim de receber o moço. Cumprimentam-se. O jovem, após desculpar-se pela sua presença em horário impróprio, informa, sem meias palavras, estar ali em missão especial, requisitando falar privativamente com o proprietário. Assunto sigiloso, magno, esclarece com toda pompa e ostentação.

O sr. José, hospitaleiro, obsequioso, dentro das seculares tradições mineiras, convida o moço para entrar, conduzindo-o a uma sala reservada da sede e prontificando-se a “ser todo ouvidos”. O pessoal da casa, na expectativa do almoço, sobressalta-se, bisbilhoteira, folgazeiramente ante a estranha visita e suas intermináveis, incógnitas confabulações com o chefe da família. Toda a casa são olhos e ouvidos, embora as reclamações da boca e da barriga, banquete aguardando à mesa...

O visitante expõe, de forma acurada e arrematadora, sem o mínimo embaraço, que estava ali para pedir solenemente a mão de Marizinha, vamos assim nominá-la, uma das jovens filhas do anfitrião em casamento. Procede a exaltados elogios à figura da jovem por ele pretendida, enaltecendo-lhe os dotes e qualidades e que, segundo o cavaleiro, eram por ele e por todos sobejamente conhecidos e por ele sempre admirados no mais ímo de seu coração. Que, para tal, desejava-a, respeitosa e sinceramente, como esposa!

O sr. José, que a tudo ouvia surpreso, interrompe-o, interroga-o:

- Vocês já se conhecem?! Acaso estão namorando sem que eu e família saibamos?! Estranha-me muito, aliás, pois ela tem pretendente residente



IMAGEM INTERNET/DIVULGAÇÃO

aqui nas proximidades, namoro consolidado, de anos e que, inclusive, estará, daqui a pouco, conosco...

Ante a firme negativa do visitante, de que não se conheciam pessoalmente, portanto sequer namoravam, o sr. José, já a essa altura mais atônito ante o inusitado pedido, pondera ao moço que toda e qualquer decisão – e inicialmente a do namoro, após as devidas apresentações – caberia exclusivamente à sua filha, a maior interessada no affair.

Antes que o sr. José encerrasse sua exposição, o cavaleiro torna à carga: - Ah... Há um detalhe, sr. José... Se ela não quiser nada comigo, pode ser a srta. Inezinha, sua outra filha...

Estupefação. Desconcerto. O sr. José, percebendo o disparatado, o inepto da situação, se mostra, todavia, jovial e elegante. Busca, no íntimo, uma saída honrosa, cortês para um momento tão suscetível, senão hilariante. Como não ferir sensibilidades, como sair-se de uma circunstância tão estranha, ali a exigir-lhe perícia e um insofismável zelo decisório, tanto quanto finório?! Afinal, estava diante de um jovem de respeitável família local, todos vizinhos e conhecidos e um mirabolante pedido de casamento... Teve uma inspiração ímpar.

O jovem A. B. ali ao lado, tenso, ávido por uma resposta. Os olhos voltados ao anfitrião. Dirigindo-se, então, ao estapafúrdio rapaz, insistindo antes, com toda gentileza, que partilhasse o almoço com sua família, podendo então relacionar-se, conhecer melhor as suas filhas e ante a negativa deste, informou-lhe:

- Oh, sr. A.B... Não sei como lhe expressar tamanho apreço. Vejo que o sr. deseja se casar em nossa família, o que muito nos enobrece, moço honrado, laborioso, filho de tão honorável família de nosso meio e convívio. Peço-lhe, contudo, uns dez dias, para a resposta. Como o sr. viu, fui pego de surpresa e necessito, por isso mesmo, informar-me melhor, meditar sobre o dignificante pedido e principalmente ouvir minhas jovens filhas, que são e estão diretamente envolvidas no caso.

Justificativa aceita, despediu-se o jovem enamorado do local, lançando duas flechas amorosas ao mesmo tempo em diferentes alvos, ali tão próximos, ao alcance quase dos olhos, por sinal semiocultos por detrás das largas janelas. O término da cerimoniosa entrevista, o bater da porteira indicando a saída do visitante aumentaram o alvoroço na fazenda. Informados das razões da exótica presença ali de tão garrido e pomposo cavaleiro, o que conduziu a comentários, chacinhas, chacotas, brincadeiras entre todos, em especial das jovens requisitadas, ao longo de toda a tarde. Assunto para várias semanas...

Ao final dos dez dias, o sr. José notificou ao afervorado pretendente que, após consultar as filhas, a primeira da lista estando comprometida, não poderia, pois, corresponder aos anseios do jovem fazendeiro e que a segunda, na condição de reserva, sabendo que o interesse real do moço era pela sua irmã Marizinha, a “titular” e “favorita”, abdicara do corte e galanteio, concedendo, pois, à primeira a preferência. Como esta reafirmava-se comprometida, lamentava afirmar-lhe que ambas as pretendidas não podiam aceder a tão nobres propósitos. E augurava ao moço os melhores votos de natureza pessoal, profissional e conjugal... com outra jovem de sua escolha.

Geraldo Zumba

Geraldo Feliciano de Luca (nascido em São Tiago em 09/06/1909), o “Geraldo Zumba”, célebre tipo popular local, era pessoa de temperamento e conduta inusitadas, não convencionais. Filho único de João Maria de Luca e de D^a Maria José de Luca (“Nhanhá” – em alguns documentos ela é registrada como Maria Felipa Caputo, provavelmente seu nome de solteira) A família, detentora de largo patrimônio no passado, viu a fortuna evolir-se em meio a enfermidades, inexperiência em seu gerenciamento e gestão, ingenuidade e ainda vítima de “espertos” e espertalhões...

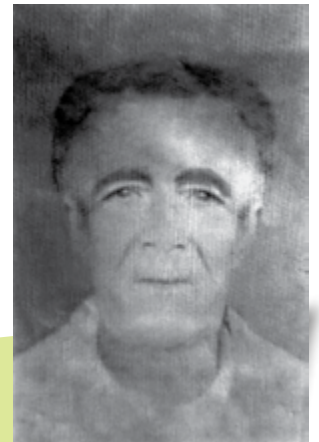
Era de comportamento às vezes atabalhoado, “sorneiro”, imprevisível, no qual se misturavam certa limitação motora e alguma inabilidade e afoiteza operacionais. Talvez alguém “inadaptado”, com conflitos entre as vastas potencialidades intelectuais e cognitivas e a dura realidade circundante (pobreza, graves doenças familiares, uma deficiente educação formal, etc.)

Vivia e subsistia à custa de pequenos serviços e da ajuda de familiares e da população. Um dos primeiros funcionários (operários, então denominados “cavouqueiros”) da Prefeitura Municipal, à época da emancipação político-administrativa do

município de São Tiago (1949). Vagava, no mais, pela pacata cidade em sua secular placidez provinciana.

Casou-se em 30/09/1952 com D^a Antonia Luiza da Silva (ou Antonia Maria de Jesus), de cuja união tiveram dois filhos Edimar (“Zumbinha”) e Édson. Por outro lado, era inteligente, intelectivo, autodidata, tinha imensa facilidade em memorização de textos, sendo comum vê-lo declamando, ao longo das ruas, enquanto procedia a trabalhos manuais, poesias de Casimiro de Abreu, Castro Alves e de outros expoentes maiores da literatura brasileira. Fazia-o com precisão, elegância, as quadras bem dispostas, fossem em versos heptassílabos, decassílabos etc. Apreciador de leitura e de música.

Dele contam-se inúmeros “causos”, jocosos e chocarreiros em sua maioria e que algumas fontes dizem ser “maldosos” ou “aumentados”. Para muitos, alguém injustiçado, senão injuriado e exposto indevidamente ao motejo público. Alguns desses “causos”, segundo a oralidade popular foram por nós registrados:



Sr. Geraldo Zumba

1

Frequentava habitualmente a casa do Cel. Chico Martins e de D^a Luizinha, sua parenta, então residentes na antiga casa da Papunça ou de Siá Tota (hoje residência do sr. Edgar Santiago), divisas da Praça da Matriz com a Rua Prefeito Wanderley Lara. Aí Zumba lanchava, ganhava algum alimento e roupas, sendo-lhe solicitado, certa feita, numa de suas inúmeras idas à velha casa, rachar algumas hastes de lenha no quintal. Hora de almoço, comida fumegante, fogão pedindo mais e mais “combustível.”

Pouco à vontade, “inzonando”, tomou do machado e começou o serviço que lhe fora requisitado, aliás por pouquíssimo tempo. Distribuindo golpes a torto e a direito na madeira a ser rachada, daí a segundos, ei-lo aos gritos, manquejando, manquitolando, segurando uma das pernas e adentrando esbaforido a cozinha.

Antonia, uma das filhas da casa, ante a convulsão reinante, corre, lívida, sobressaltada, ao seu encontro:

— O que foi, Geraldo ?!

- Uma caranguejeira de todo o tamanho me pegou a perna. E das mais venenosas..., dizia, solerte, esgarabulhando e indicando a perna suspensa pretensamente picada pela aranha.

E prosseguia com toda uma espalhafatosa prosápia, aos esgares e faniquitos, insinuando fortíssimas dores.

Providências iniciais de socorro foram tomadas, em especial a acomodação do paciente, assepsia básica, bem como a busca rápida de assistência médica. Nenhum sinal de mordida ou edema, era o que se podia observar à primeira vista. Por um desses acasos da vida, passava justamente e próximo à casa, o Dr. JM, nosso conterrâneo, que foi, de imediato, chamado a atender aquela emergência. Mais pessoas, vizinhança e curiosos, aparecem.

Dr. JM examinou atentamente o suposto local da ferida (“picada”), nada encontrando de real. Pura simulação, percebera.. Resolveu então, de comum acordo com o pessoal da casa, divertir-se com a situação, dirigindo-se ao “acidentado”:

- Sr. Geraldo, seu caso parece ser grave, muito grave. Vai ser necessário talvez amputar esta perna. E tem que ser rápido, pois o “veneno” pode subir e atingir todo o sistema circulatório, o que lhe será fatal em pouco tempo...

E complementou, pegando o “paciente” pelo braço: - Vou só ali até à sala buscar meus apetrechos cirúrgicos, para podermos realizar a “operação”.

Dando um ar de simulada gravidade àquele instante, hilariante sem dúvida, dirigiu-se a uma das filhas da casa: - Pode me trazer já a anestesia. Você será minha assistente. Vamos já iniciar a cirurgia!

Para espanto e divertimento de todos, Zumba soltou-se da cadeira, firmou o pé “picado” repetidas vezes no chão, escapulindo das mãos do médico, que a custo continha o riso, dizendo-lhe:

— E não é, Dr, que estou “intê” melhorando...E apontava-lhe as pernas: - Veja, doutor, já estou até firmando os pés!

E de um salto, como um felino, estirou alucinadamente em direção à rua. E pernas pra que te quero!... E lenha que não “ajeito” rachar!...

2 Era um tipo curioso, tido pela população e pelos que o conheceram mais de perto, como “estouvado”, “zorreiro”, “zureta”. Sobre o mesmo, contam-se inúmeros “causos” que, se verídicos, configuravam-lhe a real condição de “estabana-do”, como, por exemplo, teimar em desencilhar (desarrear) um animal, sem desapertar-lhe e soltar-lhe a barriqueira.

Diz-se que trabalhando na padaria do sr. Rafael Caputo, tradicional padeiro e confeitoiro local, o patrão determinou-lhe buscar um cesto cheio de ovos, adquiridos no armazém do sr. Vicente Mendes. Usava-se naqueles tempos, para transporte de ovos, louças e demais objetivos de consistência frágil, uma espécie de cesto fechado, oblongo, denominado garajau ou grajáú, ou ainda caçuá, feito de fasquias de bambu (de preferência o taquara), vime, ou mesmo de cipós rijos. Alguns destes cestos eram dotados de azelhas ou alças para se firmar as mãos ou prendê-los e apensá-los nas cangalhas, no caso de transporte a cavalo.

Saindo do armazém, carga ao ombro, atravessa lépido toda a Praça da Matriz; tão logo chega à padaria, Zumba atira, de um só golpe, o cesto ao chão, ao invés de descê-lo lentamente, dada a fragilidade da mercadoria, quebrando assim todos os ovos...

3 Ao tomar um copo de água, deslocando-se do interior de sua residência em direção à porta de entrada (casa hoje de propriedade de D^a Zélia Campos, à Av. Cel. Benjamim Guimarães), sorvera parte do líquido, atirando, de arranco, o restante (da água) ao leito da rua. Por imperícia, foi-se também o copo que se espatifou barulhentosamente na via pública, lançando fragmentos e cacos de vidro por todos os lados.

Escarafunchou até à cozinha, assomou-se de um novo copo, enchendo-o de água, retornando à frente da residência, onde passou a repetir em fidelíssimos detalhes e a exibir, para todos os transeuntes, como o copo se soltara de sua mão e se partira em inúmeros estilhaços e pedaços pelo chão. A cada demonstração, a cada pessoa que passava pelas adjacências e era por ele interceptada, mais um copo se espedaçava à distância, cobrindo a rua de perigosos e cortantes fragmentos.

E com isto, foram-se lá uns seis ou sete valiosos copos, num tempo em que artigos de vidro eram caros e raros...



Antigos Funcionários da Prefeitura Municipal de São Tiago - década de 60

Da esquerda para a direita: José Buta, Lazico, Amário, **GERALDO ZUMBA**, Nuca, Peru, Bagre, José da Lia, Jaú, João Nicolau, Geraldo Ladico (Feio)

4 Sempre que vinha a São Tiago, (assim nos narra o dr. Jasminor Martins, o “Jazinho”) quando estudante e posteriormente já engenheiro formado, em períodos de férias escolares ou a fim de visitar os pais, o Zumba utilizava-se de um único artifício, de uma exclusiva e estratégica fórmula para “puxar-lhe” e “fisgar-lhe” uns trocados.

Tão logo avistava o Jazinho, Zumba aproximava-se de mansinho e lhe confidenciava uma velha história, uma conhecida cantilena.

- Sabe, Jazinho, eu tenho lá em casa um cacho de bananas madurinho, com umas dez a doze dúzias... só você vendo que beleza!... E que reservei especialmente “procê”... E são só duzentos cruzeiros...

E finalizava com um toque de pieguismo: - Fica com ele, sô!... “Cê” vai gostar...

Conhecedor e “escaldado” já da conversa de sempre, Jazinho enfiava a mão no bolso, retirava a quantia mencionada, geralmente exagerada, indevida para o produto ofertado e a entregava ao Zumba, na expectativa da mercadoria – na verdade, um imaginário cacho de bananas...

Zumba saía dali, satisfeito, saracoteando rua afora, dinheiro limpo à mão. Já os cachos de bananas “vendidos” e “comprados”, Jazinho nunca os viu, jamais os saboreou...

5 V. D^a Nhanhá, sua mãe, adquirira ou recebera de presente, certo dia, uma garrafa de pimenta pomari, entremeada de frutos verdes e vermelhos (maduros), guardando-a e acondicionando-a, com todo zelo, na cristaleira da sala.

Zumba, que não estava ali no momento, assim que chegou em casa e ao observar aquele objeto policrômico, caleidoscópico no meio das louças, correu à cozinha, muniu-se de grosso pau de lenha, retornando à sala, gritando:

- Olha aqui, gente, uma cobra coral!...

Passou das palavras à ação, destruindo a garrafa de pimenta e com ela, louças, pratarias e partes do móvel, este, aliás, um valioso bem de família, no intuito de “matar a cobra”...

NOTA

(1) Sobre D^a Nhanhá e seu filho Geraldo Zumba, ver a matéria “Cartas de amor em francês”, publicada neste (nosso) boletim nº IX, Junho 2008, págs. 3 e 4.



CÓDIGOS E LINGUAGENS DO AMOR NO PASSADO

Relações afetivas, galanteios, flertes, namoros eram delimitados - no mínimo policiados e controlados - no passado; mesmo noivados eram severamente vigiados, dado o sistema patriarcal de família, seus rígidos valores, em que os pais decidiam tudo e por todos.

As moças casadoiras só saíam de casa acompanhadas por suas mães, aias, empregadas ou outros membros da família, o que impedia a livre comunicação e a corte dos possíveis pretendentes. Mesmo no namoro já formalizado, o pretendente aceito pelos pais, ao visitar a eleita em casa, fazia-o em dias e horários determinados, geralmente sob o olhar implacável da mãe, de uma tia ou empregadas, impedindo que o namoro ultrapassasse os limites dos “bons costumes” e da “decência” adequados, então, a uma “boa moça de família”.

Como forma de burlar isso, os enamorados da época dispunham de códigos e linguagens especiais, além de outras artimanhas como os tradicionais bilhetes, cartões postais, trazidos por algum intermediário, uma amiga confidente, uma vizinha ou um menino de recados.

Flores, frutos, leques, lenços, além da linguagem não verbal (dos olhos, dentre elas) eram instrumentos – na verdade criativos e sugestivos “dicionários” – utilizados para se enviar uma mensagem, externando os enamorados, entre si, a secreta, por vezes arrebatadora linguagem dos sentimentos. Curiosamente, havia vários dicionários impressos e de circulação popular a esse respeito, de conhecimento e utilização pelos amantes, traduzidos, via de regra, do francês e com base em famosa versão de Madame Charlotte, de 1819.

Muitos utilizavam-se de linguagens populares, como a “língua do pê”, (o emprego das sílabas pa-pe-pi-po-pu após a pronúncia de cada sílaba da palavra base) trocando, dessa forma, juras entre si, evitando ou dificultando a decifração por parte de olheiros e terceiros.

Ao contrário do que se pensa, era uma época, fins de séc. XIX e inícios do sec. XX, pelo menos na burguesia urbana, de pessoas – inclusive o público feminino - que liam José de Alencar, Machado de Assis, Aluizio de Azevedo, Castro Alves, etc. Muitos romances eram publicados em folhetins semanais, pelos jornais de então ou ainda editados avulsamente, capítulo a capítulo, qual nas novelas televisadas de hoje. As mulheres passavam a frequentar espaços públicos como saraus, concertos, teatro, etc.

Tempos em que o telegrama era o meio mais rápido de comunicação e levava dias para chegar ao destino. O telefone levaria ainda algumas décadas para se popularizar. Namorava-se nos coretos e locais de footing existentes nas pracinhas das cidades. As moças ficavam andando pela praça, enquanto os rapazes observavam à margem, buscando coragem para uma eventual abordagem. Havia ainda os cinemas (matinês, em especial), os bailes, tertúlias, as festas de formatura, oportunidades sociais em que rapazes e moças se estudavam, se avaliavam, com trocas de olhares, piscar de olhos, assentimentos de cabeça, dali para um convite para uma dança (o famoso “tirar a moça para dançar”), abrindo-se caminhos para possível romance ou carícias extemporâneas. Uma mão sorrateira, um beijo furtivo – e tinha-se que ser rápido para não ser surpreendido pelos familiares, ali de tocaia – eram já expressivas “vitórias”. Pedir autorização para namorar era, por sua vez, um suplício. O pretendente tinha que responder a uma saraivada de perguntas, a uma verdadeira inquisição, por parte dos pais da moça. Lembrando que, de forma ampla, pelo menos entre famílias nobres e tradicionais, os casamentos eram “arranjados”, de interesses econômicos, políticos e sociais.

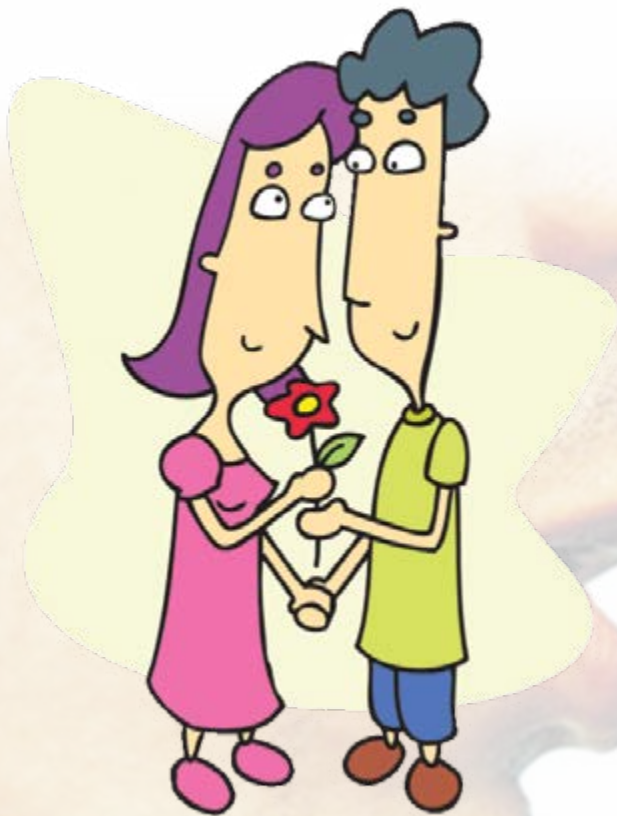


FOTO: INTERNET/DIVULGAÇÃO



Linguagens – Inúmeras são as formas e recursos de comunicação – base da vida social – entre as pessoas: palavras, gestos, expressões fisionômicas, símbolos, sinais, sons, movimentos coreográficos, desenhos, gravuras, pinturas, dança, etc. Uma pessoa que se comunica com a outra sempre tem uma intenção, uma mensagem a ser transmitida. Cada época tem seus costumes, seu palavreado, seus valores. A língua não é homogênea, variando no tempo e no espaço, porquanto as mudanças são próprias do ser humano e da sociedade em constante irrefreável evolução.

Flores, raízes, frutos eram alguns dos ingredientes significativos das mensagens, algumas frívolas, ingênuas, permutadas dentre os namorados. Enviar um botão de cravo carmesim significava “desejo ser feliz contigo”, ou seja sinal de paixão arrebatadora. Um botão de rosa encarnada; “meus olhos te veem”. Flores brancas indicavam “afeição”. Botão de rosa-de-jericó: “Você não pode se render à paixão”. Malmequer preso ao cabelo: “Tenho um peso na alma”, sinal, talvez, de algum “deslize”

Raízes e frutos enviados ou desenhados tinham também suas conotações: Cenoura indicava “relação falsa”; Abacate – “infidelidade, traição”

Linguagem dos lenços – Se um rapaz gostasse e se interessasse por uma moça, deveria passar próximo a ela, com lenço no bolso

do paletó com as pontas desdobradas para fora, o que significava “estou livre, liberado para amar”. A resposta dela seria também através da utilização de lenço. Ela teria que passar na frente do moço com um lenço da mesma cor que ele utilizara. Lenço na mão direita, ela gostaria dele, caminho livre; lenço na mão esquerda, o pretendente estava rifado. Se a moça demonstrasse interesse por um rapaz, deixava o seu lenço cair propositadamente, de forma insinuante, na frente do pretendido ou então desdobrá-lo e dobrar novamente.

Lenço no bolso do rapaz com apenas uma discreta ponta para fora, significativa “ansiedade”. Lenço sem nenhuma ponta, sinal de “felicidade”. Se ele estava com viagem marcada, prestes a se ausentar da cidade, deveria tirar o lenço do bolso e de forma ritual, formal, tornar a guardá-lo. Se era a moça que iria se ausentar, ela, ao vê-lo, guardava o lenço na bolsa, no colo ou mesmo manga do vestido.

Assim como se iniciava, um romance se encerrava, através da curiosa linguagem ou código dos lenços. O moço com lenço dobrado com uma ponta alongada para baixo significava “amor distante”, “fim do namoro”. Havia o hábito ou fetiche de, antes de se usar um lenço, mordê-lo em uma das pontas, a fim de se evitar desgostos.

(Fonte: Sr^a Florescena Resende trabalho escolar do ano de 1982 realizado por sua neta a Prof^a Maria Beatriz)

“ANTIGAMENTE”

Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pés-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam antigamente, era para tirar o pai da força...”

(Carlos Drummond de Andrade
“Caminhos de João Brandão”)

FOTO: INTERNET/DIVULGAÇÃO

O CHAPÉU



Protetor solar, acessório indispensável ao vestuário masculino. De aba mais larga ou mais estreita, mais ou menos copado, dependendo do gosto e da moda.

Dos grandes astros de Hollywood e da Itália:

Vitório de Cicca, Sherlock Holmes, Frank Sinatra, dos filmes de Felline.

De palha para lavradores, pescadores.

De feltro, camurça para os cavalheiros, acompanhando o bonito talhe dos ternos de casimira e os sapatos de pelica bem engraxados.

Muitas vezes indispensáveis mesmo sendo as roupas simples.

Chapéu do Panamá, os mais chiques, em bonitas caixas redondas de papelão que encantavam nossos olhos de infância, que eram coisas raras, ainda mais tão exóticas.

Chapéu de palha humilde, desfiado, quase só a copa: tinha de comprar um novo ou já estava reservado.

Às refeições, eram tirados, em sinal de respeito. Também nos enterros, na igreja ou quando se entrava em outra casa, que não a própria, eram mantidos nas mãos ou pendurados no chapeleiro.

Ganhava o formato da cabeça do dono e quando deixado em algum lugar dizia-se: tem a cara do Antônio, do Juca, do Rafael... Identificava-se com quem o usava, até no jeito de quebrá-lo.

Chapéu de couro ou de pano, enfeite das damas mais de outrora: mais simples ou adornados com penachos, cobertos de seda e até bordados, orla contornada de renda.

O chapéu de palha do meu pai que gostava de andar pelos matos e pescar, está bem guardado. E também o chapéu de feltro/camurça do Adilson, com muito cuidado: o padrinho dele, compadre Zé Barba, lhe deixou de lembrança.

Chapéu dos meninos: de escoteiro ou chapéu de cuia, chapéu preto do padre José Duque, copa curta e redonda, aba estreita. Do Tio Inácio, um pouco maior e marrom; abas um pouco mais largas no chapéu dos tios Lilito, Macarrão, Preste e Japhé; de fazendeiro, bem imponente e do Chico Américo.

Chapéu azul marinho ou preto, aba escondendo o rosto dos bandidos, mafiosos, vagabundos. Brancos – de uso dos cariocas?



Moldada a cabeça no chapéu impregnado do cheiro dos cabelos do dono.

E o tempo passou: não mais chapéu, mas boné.

Protege pouco. Muito mais útil o chapéu: mais sábio o homem de antanho?

Bonito sim o chapéu. O cha do chapéu e o lha de palha para alfabetizar. Cartaz feito em jornal.

E o mundo continua girando: dia/noite, noite/dia. Sol ou chuva, frio ou calor. Noites belas muito enluaradas delineando os corpos, ou escuras mostrando fantasmas, sem deixar de ser imponentes e excitantes: nuvens carrancudas; no meio, enfiando a cara, alguns pontinhos luminosos, pequenos olhos a espiar na escuridão e ermo. Homens passam de chapéu inclinado, cara escondida, pelas ruas do fundo, que não querem ser vistos: certamente vão a encontros clandestinos.

Ermínia Caputo

(Fonte: Livro "Acaso são estes os Sítios Formosos?" – pág. 204)